Relação entre índice de respostas ansiosas e circunstância ambiental particular (situação-prova)

ANA MARIA CARPENTER GENESCÁ *
MARIA APARECIDA C. MAMEDE NEVES *

1. Introdução; 2. Método; 3. Resultados; 4. Discussão.

1. Introdução

Ansiedade é um conceito que, perdendo seu significado etimológico original, assume hoje na literatura psicológica uma outra conotação. Refere-se a estados emocionais complexos, em que o componente mais importante é a apreensão ou o receio, que influem na percepção, na aprendizagem, enfim, no desempenho em geral (Drever, 1952; Wolpe, 1958; Murray, 1971).

Deste modo, as reações ansiosas constituem uma forma fundamental de resposta na adaptação normal e circunstâncias ambientais particulares, circunstâncias essas que impõem ao indivíduo uma expectativa de perigo, suscitada em tempo inoportuno. A ansiedade pode variar amplamente em graus de intensidade, mas o substrato comum de todos os graus é a expectativa subjetiva de tensão, apreensão ou receio. Evidencia-se assim que a reação a uma situação ameaçadora depende de alguma espécie de avaliação pessoal da natureza da situação (da ameaça), o que nos remete à apreciação do estímulo no despertar de uma emoção, preconizada por Arnold, ou aos trabalhos de Speisman e colaboradores, que estudaram a influência exercida sobre a reação emocional pela alteração dos fatores de apreciação da situação.

Por outro lado, estudos de Eysenck & Rachman, Spielberger (1966), Emery & Krumboltz (1967), Johnson & Schrest (1968), Donner & Guerney (1969), Laxer & Walker (1970), McManus (1971), Taylor, Jr. (1971), Smith & Nye (1973) e Kotstka (1974) nos levam a observar o prejuízo no desempenho acadêmico acarretado com grande freqüência pela ansiedade apresentada pelos estudantes em situação de prova.

Todas estas considerações, tendo em vista a importância das questões que levantamos, são exatamente o marco inicial da presente pesquisa, que objetiva

* Da Pontifícia Universidade Católica – RJ.

verificar a influência ansiogênica exercida por certos professores no índice de respostas ansiosas dos alunos em relação à situação de prova.

Em que pese à existência, na literatura psicológica, de uma série de denominações referentes à ansiedade, tais como ansiedade flutuante, ansiedade neurótica, ansiedade traço, ansiedade estado etc., para o presente trabalho, em virtude de suas características e objetivos, levou-se em conta apenas a distinção entre ansiedade de estado e ansiedade traço, tomando-se como ponto referencial a contribuição de Spielberger (1966).

A teoria da ansiedade estado-traço (Spielberger, 1966) refere-se especialmente ao esclarecimento das propriedades da ansiedade estado e da ansiedade traço, como constituição psicológica, e à especificação das características de condições que provocam diferentes níveis de ansiedade estado em pessoas que diferem em ansiedade traço.

Para Spielberger, o estado de ansiedade é um estado emocional transitório, que varia no tempo e em intensidade; refere-se às diferenças individuais na tendência para perceber certas situações como produtoras de ansiedade. Neste estado, o organismo do homem é caracterizado por sentimentos de tensão e apreensão desagradáveis, conscientemente percebidos, e por aumento na reatividade do sistema nervoso autônomo.

Na conceituação de ansiedade traço, considera-se a ansiedade como um traço de personalidade relativamente estável, significando uma prontidão para reagir a situações ameaçadoras e que provocam tensão com quantidades diferentes de ansiedade estado.

Em geral, pode-se esperar que os indivíduos que possuem alto traço de ansiedade demonstrem elevações de ansiedade estado mais freqüentes que os sujeitos de baixa ansiedade traço, porque tendem a reagir a uma larga faixa de situações tidas como perigosas ou ameaçadoras. Mas se as pessoas que diferem em ansiedade traço mostrarão ou não correspondentes em ansiedade estado, isto vai depender do grau em que a situação específica é percebida pelo indivíduo, em particular, como perigosa ou ameaçadora.

Com base nestas proposições, foi então possível a formulação das seguintes hipóteses:

1. Os alunos apresentam *maior* índice de ansiedade estado em face da situação de prova com professores apreciados como muito ansiogênicos do que, em iguais condições, com professores apreciados como pouco ansiogênicos.
2. Os alunos apresentam *maior* índice de ansiedade estado em face da situação de prova do que fora do momento de ter que realizar uma prova, qualquer que seja seu índice de ansiedade traço.
3. Os alunos que apresentam *alto* índice de ansiedade traço revelam um índice de ansiedade *maior* que os alunos que apresentam *baixo* índice de ansiedade traço.

Estas três hipóteses configuram, a partir do seu desdobramento por combinações, um quadro mais completo, qual seja:

Quadro 1

Tratamento			Ansiedade estado	
Maior ansiedade traço	Situação de prova	Prof. mais ansiogênico	*Q*	1
		Prof. menos ansiogênico	*X*	3
	Não-prova		*K*	5
Menor ansiedade traço	Situação de prova	Prof. mais ansiogênico	*W*	2
		Prof. menos ansiogênico	*Z*	4
	Não-prova		*Y*	6

Os valores obtidos nas diversas situações com a comprovação das hipóteses devem formar um conjunto obediente à seguinte relação:
$Q > W > X > Z > K > Y$.

2. Método

2.1 *Sujeitos*

Foram sujeitos desta pesquisa 103 alunos, estudantes da 1.ª série do 2.º grau de curso profissionalizante de uma unidade escolar da rede oficial do Estado do Rio de Janeiro.

Os 103 participantes da pesquisa apresentam-se dentro da faixa predominante da série dessa escola (de 15 a 18 anos) e cursam pela primeira vez o nível, não tendo sido portanto admitido, no grupo estudado, nenhum repetente ou em dependência.

Optou-se por este procedimento para que pudesse ser afastada a possibilidade de interferência da ansiedade em face da prova como decorrência de experiência anterior negativa (reprovação), em relação à disciplina curricular. Os pólos extremos da curva de idade foram também desprezados a fim de eliminar discrepâncias entre faixa etária e nível de escolaridade, o que poderia evidenciar nível operatório cognitivo mais alto (no caso de indivíduos em nível adiantado para sua idade) ou nível operatório cognitivo mais baixo (indivíduos com escolaridade *atrasada* em relação à sua idade cronológica), pois ambos os fatores seguramente influenciariam os dados coletados.

Inicialmente os participantes foram distribuídos em dois grupos, submetidos respectivamente ao professor considerado mais ansiogênico e ao menos ansiogênico. O grupo relativo ao mais ansiogênico foi tomado como grupo experimental,

ficando o outro como grupo de controle. Ambos os grupos possuíam o mesmo corpo docente, o que tornou mais válida a determinação de quais professores seriam objeto da pesquisa, determinação essa conseguida a partir das opiniões dadas pelos alunos e mediante as quais se fez apenas a seleção dos dois extremos mais computados pelos integrantes dos grupos.

Os resultados havidos no Teste STAI-ansiedade traço permitiram redistribuir os alunos, num segundo momento da pesquisa, em três outros subgrupos correspondentes aos tercis inferior, médio e superior em relação àquele teste. O tercil inferior não foi computado em virtude de apenas um elemento ter-se apresentado nesta faixa. Os dois grupos assim determinados (com eliminação daquele aluno) pelos tercis superior e médio constituíram-se então nos dois grupos finais da pesquisa.

2.2 *Instrumento*

Como instrumento central da pesquisa foi usado o Inventário de Ansiedade Estado-Traço (STAI) de Spielberger, aplicado a todos os componentes dos grupos estudados.

Foi também elaborado e aplicado um formulário de investigação (anexo 1) que permitisse identificar os professores considerados como os mais e os menos ansiogênicos.

2.3 *Procedimentos*

O procedimento metodológico obedeceu a um plano de trabalho constante de três momentos:

a) aplicação de teste de sondagem quanto à opinião das turmas envolvidas em relação aos seus professores, no que diz respeito a serem eles ansiogênicos ou não; tabulação dos resultados e determinação dos dois professores que seriam os elementos caracterizadores dos dois grupos iniciais – o experimental e o de controle;
b) aplicação do STAI em situação normal de vida escolar e, conseqüentemente, fora de prova;
c) reaplicação do STAI em tempo de aula imediatamente anterior à situação de prova.

3. Resultados

Os grupos estudados – experimentais e de controle – obedeceram às seguintes distribuições de freqüência quanto aos resultados obtidos no Teste STAI-ansiedade estado, quer em situação normal (não-prova), quer em situação de prova:

Tabela 1

Distribuição dos alunos segundo escores obtidos no STAI-ansiedade estado nas situações não-prova e prova

Escore de ansiedade estado	Grupo experimental (prof. mais ansiog.) (N = 41)		Grupo controle (prof. menos ansiog.) (N = 62)	
	*NP**	*P**	*NP*	*P*
0–10	–	–	–	–
11–20	1	–	–	–
21–30	4	–	3	3
31–40	10	1	18	19
41–50	12	7	21	18
51–60	10	15	14	13
61–70	3	13	5	9
71–80	1	5	1	–
	Ma = 44,51	*Ma* = 58,41	*Ma* = 45,48	*Ma* = 45,97

* *NP* = situação escolar normal, sem prova;
P = situação imediatamente anterior à prova.

Estes dados se constituíram nos elementos submetidos ao Teste T de diferenças de médias (paramétrico) para verificação da diferença significativa entre eles, com uma proposta de nível de significância de 0,01. O tratamento estatístico foi realizado em três etapas:

a) diferença de médias dentro de cada grupo, confrontando-se os resultados havidos em situação de *não-prova* (*NP*) e *prova* (*P*); testagem de *Ho* (*NP* = *P*) sem influência do fator ansiedade traço;

b) diferença de médias entre os dois grupos, experimental (*GE*) e de controle (*GC*), confrontando-se os resultados havidos em situação de não-prova (*NP*); testagem de *Ho* ($GE_{NP} = GC_{NP}$);

c) diferença de médias entre os dois grupos (*GE* e *GC*), confrontando-se os resultados havidos em situação de prova (*P*); testagem de *Ho* ($GE_P = GE_P$).

Os resultados obtidos nos diversos tratamentos aparecem resumidos no quadro 2.

Com a inclusão do fator ansiedade traço foi possível subdividir os dois grupos iniciais em dois subgrupos dentro de cada grupo (T_3 e T_2), correspondendo respectivamente à grande ansiedade (escore entre 53 e 80) e à média ansiedade (escore entre 27 e 52), eliminando-se por falta de sujeitos a classe T_1, com baixa ansiedade (escore abaixo de 27).

Quadro 2

Sumário do Teste T de diferenças de médias

Hipóteses	*t*	*P*
$GE_{NP} = GE_P$	6,07	0,01
$GC_{NP} = GC_P$	0,10	não-sig.
$GE_{NP} = GC_{NP}$	0,41	não-sig.
$GE_P = GC_P$	5,76	0,01

Quadro 3

Quadro de médias com a inclusão do fator ansiedade traço

Grande ansiedade traço	*NP*	51,76 (*K*)
	P	G. exp. 63,12 (*Q*) G. cont. 52,37 (*X*)
Média ansiedade traço	*NP*	42,17 (*Y*)
	P	G. exp. 55,41 (*W*) G. cont. 43,14 (*Z*)

4. Discussão

Como se pode observar, os resultados obtidos pelo Teste T de diferença de médias aplicadas às diferentes combinações nos levam a algumas conclusões:

1. Foi confirmada a hipótese de que os alunos apresentam maior índice de ansiedade estado em face da situação de prova com professores considerados como muito ansiogênicos do que, em iguais condições, com professores apreciados como pouco ansiogênicos.

Os resultados obtidos ratificam esta hipótese na medida em que mostram claramente que há diferença estatística não só entre os escores havidos pelo grupo experimental em situação de não-prova e em situação de prova, mas também entre os escores do grupo experimental e os do grupo de controle, quando em situação de prova. Porém não há diferença estatisticamente comprovada entre as situações de não-prova e prova no grupo de controle. Assim, enquanto não muda o perfil de ansiedade do grupo quando o professor não tensiona a situação de prova, levando os alunos a considerá-la uma situação comum, o mesmo não acontece com o grupo que é dirigido por um professor ansiogênico, modificando-se substancialmente, para mais, o perfil de ansiedade deste grupo.

2. A hipótese de que os alunos apresentam maior índice de ansiedade estado em face da situação de prova do que em situação de não-prova só foi confirmada no que diz respeito ao grupo experimental (o grupo de controle aceitou *Ho*). Isto ratifica, mais uma vez, o papel da atitude do professor ansiogênico na determinação da ansiedade dos alunos. É importante notar inclusive que os dois grupos, de controle e experimental, não apresentaram diferença estatisticamente comprovada nos seus escores quando em situação de não-prova, apresentando ambos, portanto, médias semelhantes.

3. A inclusão do fator ansiedade traço na análise dos dados foi satisfatória. Na verdade, como se pode constatar no quadro 3, as médias apresentam-se mais elevadas nos grupos com maior ansiedade do que nos grupos com menor ansiedade, confirmando-se assim a hipótese prevista de que os alunos que apresentam alto índice de ansiedade traço revelam um índice de ansiedade maior que os alunos que apresentam baixo índice de ansiedade traço.

Fato curioso, porém, foi verificar que as médias obtidas pelo grupo experimental (ainda que este apresentasse grande ansiedade traço ou média ansiedade traço) em situação de prova foram maiores que as do grupo de controle, o que nos remete, mais uma vez, à influência da atitude ansiogênica do professor no desempenho dos alunos, objeto primordial do presente estudo.

Finalmente, no exame de todas as situações previstas nesta pesquisa, foi possível formar um conjunto de médias obediente à seguinte função linear: $Q > W > X > K > Z > Y$, ou seja, pela ordem:

a) grupo com *maior* ansiedade traço e professor *mais* ansiogênico em situação de prova;
b) grupo com *menor* ansiedade traço e professor *mais* ansiogênico em situação de prova;
c) grupo com *maior* ansiedade traço e professor *menos* ansiogênico em situação de prova;
d) grupo com *maior* ansiedade traço em situação de não-prova;
e) grupo com *menor* ansiedade traço e professor *menos* ansiogênico em situação de prova;
f) grupo com *menor* ansiedade traço em situação de não-prova.

Apenas alterou-se a posição dos escores Z e K, em relação à proposta preliminar feita no conjunto de hipóteses.

Conclui-se, assim, que a situação de prova é, por si, em muitas das situações previstas, ansiogênica; a interferência da ansiedade traço também existe; porém a influência da atitude ansiogênica do professor se configura a mais intensa, já que está presente inclusive quando a ansiedade traço é menor.

Anexo 1

Nome: _____ Data: _____

A seguir você encontrará a relação de suas matérias. Leia cada uma e marque na primeira coluna o número que melhor indicar como você geralmente se sente em relação a elas. Depois marque na segunda coluna a letra ou letras que melhor expliquem a situação que você apresentou na primeira coluna. Não se esqueça de fazer isto para cada matéria. Não precisa se preocupar. Não há respostas certas ou erradas.

Como me sinto	Muitíssimo nervoso	4
	Bastante nervoso	3
	Um pouco nervoso	2
	Nada nervoso	1

Porque	Não estudo o suficiente	A
	Não entendo bem a matéria porque o professor não explica bem	B
	Não entendo a matéria porque o professor não tem paciência com a gente	C
	O professor apavora a gente em relação à prova	D
	Outras razões	E

Matéria	Como me sinto	Porque
Português		
Matemática		
Geografia		
História		
Psicologia		
Sociologia		
Física		
Química		
Biologia		
Língua estrangeira		
Educação física		
Educação musical		
Cálculos		

Bibliografia

Drever, J. *A dictionary of psychology.* Penguin, 1952.

Emery, John & Krumboltz, John D. Standard versus individualized hierarchies in desensitization to reduce test anxiety. *Journal of Counseling Psychology, 14* (3): 204-9, 1967.

Johnson, Stephen M. & Sechrest, Lee. Comparison of desensitization and progressive relaxation in treatment test anxiety. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 32* (3): 280-6, 1968.

Katahn, Martin; Strenger, Stuart & Cherry, Nancy. Group counseling and behaviour therapy with test anxious. *Journal of Counseling Psychology, 30* (6): 544-9, 1966.

Kotstka, Marion P. & Galassi, John P. Group systematic desensitization versus covert positive reinforcement in the reduction of test anxiety. *Journal of Counseling Psychology, 21* (6): 464-8, 1974.

Laxer, R. M. & Walker, Reith. Counterconditioning versus relaxation in the desensitization of test anxiety. *Journal of Counseling Psychology, 17* (5): 431-6, 1970.

May, R. et alii. *La angustia normal y patológica.* Buenos Aires, Editorial Paidós, 1968.

McManus, Marianne. Group desensitization of test anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, n. 9, 51-6, 1971.

Murray, E. *Motivação e emoção.* Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

Pissurno, D. L. R. *A dessensibilização sistemática na redução da ansiedade de prova.* Rio de Janeiro, PUC, 1975. Tese de mestrado.

Smith, Ronald E. & Nye, S. Lee. A comparison of implosive therapy and systematic desensitization in the treatment of test anxiety, *Journal of Counsulting and Clinical Psychology, 41* (1): 37-42, 1973.

Spielberger, C. *Anxiety and behavior.* New York, Academic Press, 1966.

Spielberger, C.; Gorsuch, R. L. & Lushene, R. E. *The state-trait anxiety inventory (test manual).* California, Consulting Psychologists Press, 1970.

Taylor Jr., Davis W. A comparison of group desensitization with two control procedures in the treatment of test anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, n.º 9, 281-4, 1971.

Wolpe, J. *Psychotherapy by reciprocal inhibition.* Stanford, Stanford University Press, 1958.